

Publicação do Plano Nacional de  
Recuperação de Obras Raras da  
Fundação Biblioteca Nacional



Boletim Informativo

do

# Planor



ano 14

17

2014

# Sumário

## **Sobre a capa**

Eusebius Sophoronius Hieronymus • *página 4*

## **Artigo**

Barão do Rio Branco • *página 7*

## **Por que é raro?**

Critérios de raridade praticados pela Fundação  
Biblioteca Nacional • *página 12*

## **No acervo da Biblioteca Nacional**

“O mestre-sala dos mares” • *página 22*

## **Fique por dentro**

X Encontro Nacional de Acervo Raro - Enar • *página 26*

Lançamento do *Guia do patrimônio  
bibliográfico nacional* • *página 29*

Visitas técnicas • *página 30*

## **Dicas e curiosidades**

Catálogo *raisonné* • *página 32*

Mapas-múndi: os mapas T-O • *página 33*

Gerhard Mercator • *página 34*

# Editorial

Após um intervalo mais longo do que gostaríamos, o *Boletim Informativo do Planor* volta a ser editado. Buscamos alcançar o maior número possível de profissionais e instituições que desenvolvem atividades de gestão de acervos raros e de memória. Nosso principal objetivo é fazer do *Boletim* um veículo de informação, cooperação e comunicação entre o Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras - Planor e seu público.

Nesta edição, trazemos um texto sobre São Jerônimo, tradutor da Vulgata, a versão latina da Bíblia, e artigos que buscam homenagear personalidades brasileiras, como José Maria da Silva Paranhos Júnior, o barão do Rio Branco (1845-1912), o jornalista e escritor Edmar Morel (1912-1989) e João Cândido, o Almirante Negro. Na seção “Fique por dentro”, disponibilizamos informações sobre o X Encontro Nacional de Acervo Raro - Enar, realizado em dezembro de 2012, com a temática “Critérios de raridade de acervos raros e especiais”, e na seção “Dicas e curiosidades”, informações sobre catálogo *raisonné*, mapas múndi T-O e Gerhard Mercator. Esperamos que nossos leitores apreciem esta edição.

Sobre a capa

---

*Hieronymus patre Eusebio natus, oppido Stridonis, quod a Gothis eversum Dalmatiae quondam Pannoniaeque confinium fuit. (In De viris illustribus, ca. 392)*

Jerônimo, filho de Eusébio, nascido em Stridon, cidade atualmente destruída pelos godos, mas que outrora existiu sobre os confins da Dalmácia e da Panônia. (tradução livre)

**S**ão Jerônimo nasceu na primeira metade do século IV, na cidade de Stridon (ou Estridão), na Dalmácia (Croácia), e morreu na cidade de Belém. Historiador, exegeta, escritor, filósofo, teólogo, gramático e tradutor, considerado Padre e Doutor da Igreja, foi secretário e bibliotecário do papa Dâmaso I (ca. 305-384), que o incumbiu de traduzir a Sagrada Escritura do hebraico e do grego para o latim. A versão da Bíblia feita por Jerônimo, entre fins do século IV e início do século V, ficou conhecida como Vulgata latina. Neste trabalho, Jerônimo traduziu o Velho Testamento diretamente do hebraico e não da versão grega clássica, conhecida como Septuaginta ou LXX. Foi no Concílio de Trento (1545-1563) que a Vulgata foi reconhecida pela Igreja como a versão latina oficial da Sagrada Escritura.

Escreveu, por volta de 392, *De viris illustribus*, obra composta de 135 capítulos, con-

siderada a primeira no gênero da literatura patrística. Nela enumera, a partir de São Pedro, escritores eclesiásticos gregos e latinos, incluindo uma breve referência a seu próprio nascimento (ver epígrafe). Além da Vulgata, escreveu *Chronicon (Crônica)* ou *Temporum liber*, onde procura listar, em ordem cronológica, todos os grandes eventos da história. Teve também uma grande produção epistolar.

São Jerônimo recebeu muitas representações iconográficas. Sua figura é geralmente apresentada de duas maneiras: como penitente no deserto ou como estudioso no interior de uma sala. A representação de Jerônimo no deserto, geralmente sentado sobre uma pedra, remete ao período em que o santo viveu como eremita. Neste tipo de representação, aparece muitas vezes Jerônimo com uma pedra em uma das mãos, pois, no período em que viveu em reclusão, costumava entregar-se a penitências como o jejum e a autoflagelação, batendo com uma pedra em seu peito. Nas representações como estudioso, reforçando a ideia do seu trabalho como intelectual, a figura do santo está na postura de escrever, ler, estudar ou meditar.

Na gravura de Dürer que ilustra a nossa capa, Jerônimo é retratado em um estúdio onde se encontram as três versões da Bíblia: à esquerda, a versão em grego; à direita e acima, a versão em hebraico; e à frente, a tradução

para o latim. O monge é representado em trajes cardinalícios (em iconografias, a cor desta veste é o vermelho, representativo dos cardeais). Fato curioso é que nunca foi cardeal. Outro elemento iconográfico frequente é a figura do leão, remetendo à lenda na qual teria aparecido, no mosteiro onde o monge estava, um leão ferido com um espinho em uma das patas. Jerônimo manda arrancar o espinho e o leão, domesticado e por gratidão, permanece vivendo no mosteiro.

São Jerônimo é padroeiro dos bibliotecários e tradutores e patrono das secretárias.



Esta gravura (195 x 137 mm) encontra-se no verso da folha de rosto da obra *Liber epistolarum Sancti Hieronymi* (Basileia: Nicolaus vivere Kesser, 1497). Tida como a mais antiga gravura de Albrecht Dürer, ela é a mesma da edição de *Liber epistolarum* de 1492.

*S. Jerônimo em seu estúdio.*  
Gravura de Albrecht Dürer  
(1471-1528, pintor e gravador alemão).  
Acervo Divisão de Obras Raras/FBN.

Outras versões do nome de Jerônimo:

Hieronymus – latim e alemão

Jerónimo – castelhano e português (Portugal)

Jerome – inglês

Jérôme – francês

Jeroen – neerlandês

Girolamo – italiano

Xerome – galego

### Referências

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Catálogo de incunábulo da Biblioteca Nacional*, 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. de Referência e Difusão, 1998. p. 103.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Exposição de incunábulo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1961. p. 12.

Artigos

---

# BARÃO DO RIO BRANCO

Rose Mary Amorim\*

**P**assadas as recentes comemorações pelos cem anos de morte do barão do Rio Branco, lembramos as contribuições ao nosso país deixadas por este diplomata brasileiro cujo título, outorgado pela princesa Isabel em evocação ao de seu pai, o visconde do Rio Branco, deu nome à capital do Acre.

José Maria da Silva Paranhos era carioca e nasceu em 20 de abril de 1845. Foi professor, escritor, político, jornalista, diplomata, geógrafo e historiador.

Segundo Luiz Viana Filho (p. 427), Rio Branco era uma pessoa de espírito frio, fechada, na qual a razão suplantava qualquer impulso. Educado ao lado do pai, cedo se apercebeu do papel que lhe cumpria representar. Precavido, habituado a dominar-se, dificilmente se deixava surpreender numa expansão. Tinha extremo cuidado em esconder aspectos de sua vida privada.

Várias atividades foram desenvolvidas ao longo de sua carreira: em 1869 foi nomeado promotor público de Nova Friburgo; acompanhou, como secretário da Missão Especial, o visconde do Rio Branco ao Rio da Prata e ao Paraguai; manteve-se nas negociações de paz entre os membros da Tríplice Aliança e o Paraguai; dedicou-se ao jornalismo e dirigiu o jornal *A Nação*.

\* Bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional, integra a equipe do Planor.

Cônsul-geral em  
Liverpool  
(1876-1893).  
Cartão-postal.  
Acervo Divisão de  
Iconografia/FBN.  
Localização: Ret.1  
(12-23), item 12.



Barão do Rio  
Branco. Cópia  
fotográfica.  
Acervo Divisão  
de Iconografia/  
FBN. Localiza-  
ção: Ret.1 (29).

Em maio de 1876, deixou o jornalismo para aceitar o cargo de cônsul-geral do Brasil em Liverpool.

Em 1884, representou o Brasil na Exposição Internacional de Horticultura de São Petersburgo.

Teve brilhante atuação, do que decorreu ampla propaganda do país e do seu principal produto, o café. Divulgou na oportunidade um pequeno livro, *Le Brésil et l'Exposition de St. Petersbourg*. Em recompensa por sua atuação, recebeu o título de "cavalheiro do Imperador". Rio Branco foi delegado do Governo Imperial e presidente da Comissão. (RICUPERO, p. 40)

Esteve também na grande Exposição Universal de Paris em 1889, onde o Brasil foi representado por importante pavilhão. Rio Branco participou da Comissão Brasileira de Estudos. Contribuiu, em grande parte, no verbete sobre o Brasil da *Grande encyclopédie* de Émile Levasseur. Segundo Ricupero (ibid, p. 48), o barão do Rio Branco em carta a Joaquim Nabuco, referindo-se ao verbete escrito para a *Grande encyclopédie*:

Trabalhei com empenho (*Ubique patriae memor*, diz o meu ex-libris) porque compreendi a importância de obter para o nosso país em uma enciclopédia francesa o lugar a que ele tem direito pela sua importância política na América e importância comercial no mundo. Essa coleção ficará em todas as bibliotecas e será consultada por quantos escreverem sobre o Brasil.

# LE BRÉSIL

PAR  
E. LEVASSEUR

PROFESSEUR AU COLLÈGE DE FRANCE ET AU CONSERVATOIRE DES ARTS ET MÉTIERS

Avec la collaboration de

MM. de Rio-Branco, Eduardo Prado, d'Ourém,  
Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart et Zaborowski.

(Extrait de la GRANDE ENCYCLOPÉDIE)

DEUXIÈME ÉDITION

Illustrée de Gravures, Cartes et Graphiques,

accompagnée d'un

APPENDICE

Par \*\*\* et M. Glasson, membre de l'Institut

et d'un

ALBUM DE VUES DU BRÉSIL

exécuté sous la direction

de

M. de Rio-Branco.



Publié par le Syndicat Franco-Brazilien pour l'Exposition universelle de Paris en 1889.

PARIS

H. LAMIRAULT ET C<sup>e</sup>, ÉDITEURS

61, RUE DE RENNES, 61

1889

FIZA E ALMEIDA

Francesa, entre Santa Catarina e Paraná contra a Argentina, e entre o Acre e a Bolívia.

Com relação ao Acre, território fronteiriço que a Bolívia pretendia ocupar, solucionou amigavelmente a questão, conduzindo parte dos interesses postos durante a Revolta Acreana (1899-1903). Neste sentido, com a elaboração e a assinatura do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, pôs fim ao litígio com a Bolívia. Ao colocar o Acre na condição de território do Brasil, ficou marcada a habilidade com que Rio Branco atuava na pasta das Relações Exteriores e seus êxitos na resolução de inúmeras questões de limites com países sul-americanos.

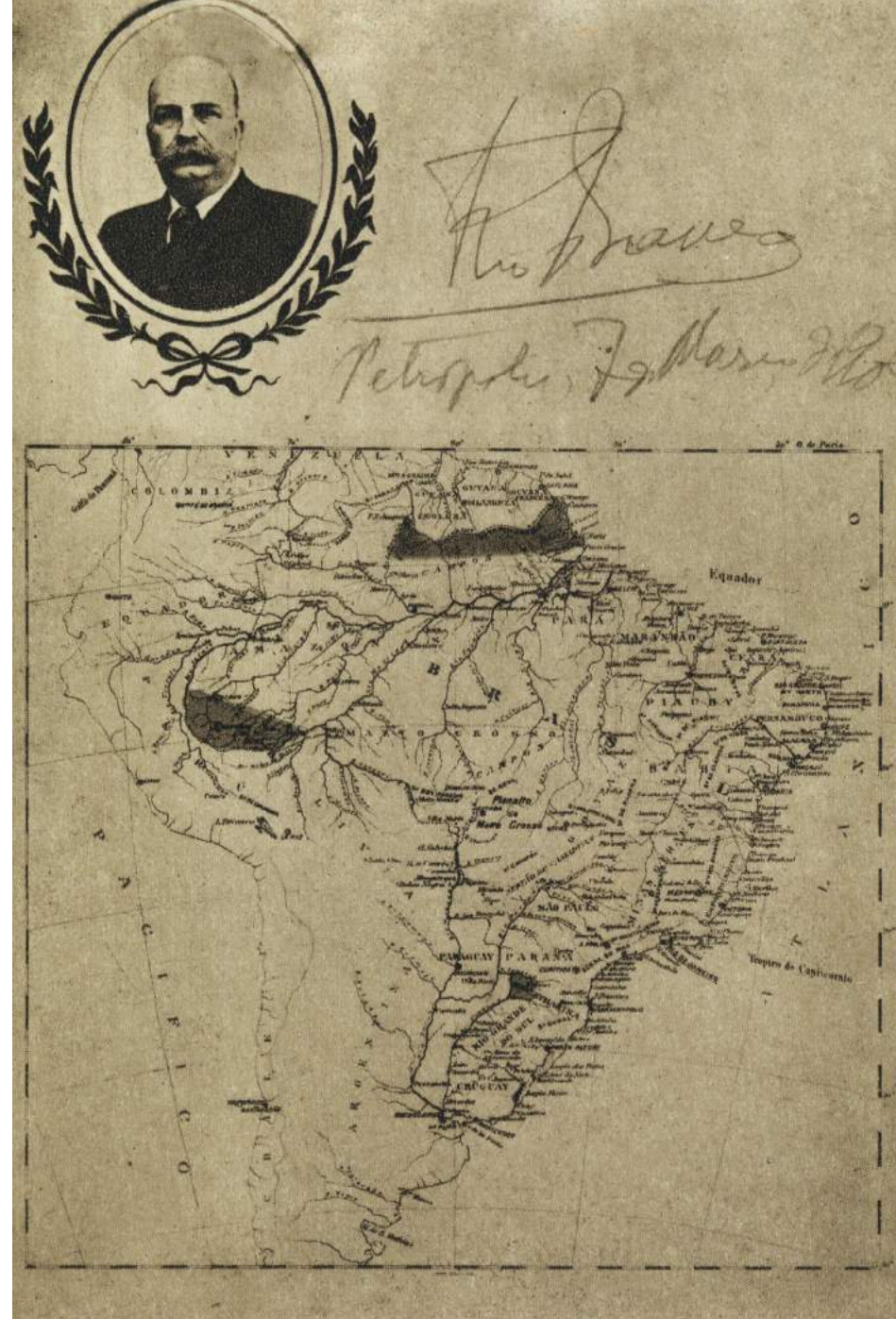
Além de solucionar problemas de fronteira, Rio Branco lançou as bases de uma nova política internacional, adaptada às necessidades do Brasil moderno.

Deixou valioso arquivo no Itamaraty relativo às missões que desempenhou, e onde, além da correspondência recebida, inseriu pacientemente, copiada do próprio punho, a que expediu, atestando-lhe a vigilância, a diligência e a capacidade. (VIANA FILHO, p. XII)w

É interessante saber também que o barão do Rio Branco foi um apreciador da arte da carica-

*Le Brésil*. De Émile Levasseur, inclui colaboração do barão do Rio Branco (Paris: N. Lamirault et Cie., 1889). Acervo Divisão de Iconografia/FBN.

Mapa autografado (assinalados os territórios de Palmas ou Missões, do Amapá e do Acre). Cartão-postal. Acervo Divisão de Iconografia/FBN. Localização: Ret. 1 (12-23), item 20.







tura – introduzida no Segundo Reinado no Brasil por Araújo Porto Alegre –, e valorizava o papel da caricatura na formação da opinião pública. O Arquivo Histórico do Itamaraty possui uma importante coleção de recortes de jornais do barão, datados de 1902 a 1912, período que coincide com o surgimento no país de grandes caricaturistas, como Raul, K. Lixto e J. Carlos. Ele chegou a planejar a redação de uma história da caricatura brasileira. Não concretizou o projeto, mas seus recortes nos legaram uma visão sintética do desenho humorístico no Brasil no início do século XX.

Foi membro da Academia Brasileira de Letras, segundo ocupante da cadeira de número 34, eleito em 1º de outubro de 1898, na sucessão de Pereira da Silva. Escreveu várias obras, sempre tratando da história do Brasil. Para o *Le Brésil*, de Sant’Anna Nery, escreveu a *Esquisse de l’Histoire du Brésil*; iniciou no *Jornal do Brasil* a publicação das *Efemérides brasileiras*; acumulou material para as *Anotações à História da Guerra da Tríplice Aliança*, de Schneider, e a *Biografia do visconde do Rio Branco* (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS).

A Biblioteca Nacional possui em seu acervo várias obras do barão do Rio Branco, tais como: *Esboço da história do Brasil*, *Efemérides brasileiras*, *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française: second Mémoire présenté par les États-Unis du Brésil au gouvernement de la Confédération Suisse arbitre choisi selon les stipulations...*, *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française: atlas contenant un choix de cartes antérieures au traité conclu à Utrecht le 11 avril 1713 entre le Portugal et la France...*, *Com a palavra, o visconde do Rio Branco: a política exterior no Parlamento Imperial*, e *Cartas ao amigo ausente*.

O barão do Rio Branco foi o primeiro colecionador brasileiro de ex-libris. Sua coleção é composta, principalmente, por exemplares alemães. Seu próprio ex-libris foi desenhado por ele mesmo, com o lema “*Ubique patriae memor*” (“Em qualquer lugar, terei sempre a pátria em minha lembrança.”), e gravado pelo artista francês Agry.

Uma paisagem que tem, em primeiro plano, a pedra de Itapuca, em Niterói, vendo-se ao fundo as monta-

Gabinete de leitura do Barão do Rio Branco no Palácio do Itamaraty. Acervo Divisão de Iconografia/FBN. Localização: Ret. 1 (31).

“Nova maturidade”. Caricatura do barão do Rio Branco publicada na revista *Fon-Fon* de 13 abr. 1907. Acervo Divisão de Periódicos/FBN.

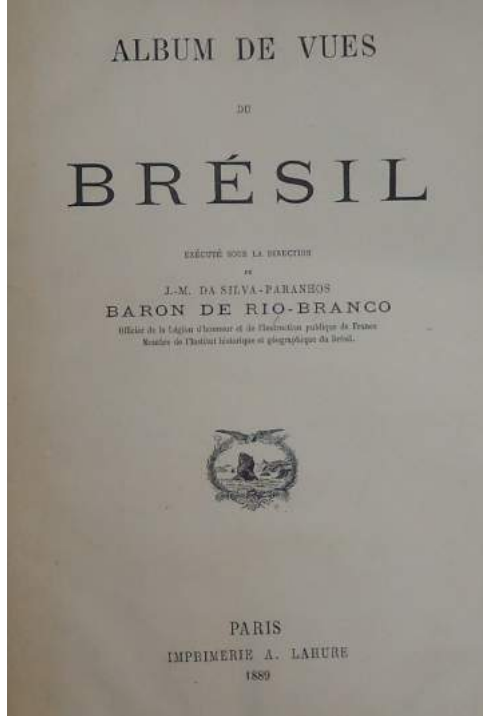


nhas do Rio de Janeiro, onde sobressai o Corcovado; ladeada por dois ramos de folhas de palmeiras que têm em sua interseção inferior o escudo do titular surmontado, porém, de uma coroa de conde e encimados por duas asas e um listel que, se iniciando nas folhas de cada lado, apresenta três campos simétricos com o lema *Ubique patriae memor* (RICUPERO, p. 48).

Paranhos faleceu aos 66 anos, em 10 de fevereiro de 1912, no Rio de Janeiro, por problemas renais. Seu corpo foi velado no Salão de Honra, então chamado Salão Amarelo do Itamaraty, desde o dia 10 até a manhã do dia 13 de fevereiro. Durante este período, funcionários da Secretaria de Estado, autoridades civis e militares e grande multidão de admiradores estiveram presentes.

Na História, fica marcada a atuação de pessoas que tiveram êxito na pacificação de determinados conflitos. Este foi o caso do barão do Rio Branco, que soube combinar elementos fundamentais: a política territorial, as relações com as grandes potências e com as nações vizinhas. Sem guerras, exclusivamente pelos meios pacíficos da negociação e do arbitramento, aumentou consideravelmente a área nacional e expandiu as relações do Estado brasileiro. Com justa razão, foi considerado símbolo da diplomacia brasileira e Chanceler da Paz.

*Álbum de vues du Brésil.*  
Executado sob a direção do barão do Rio Branco (Paris: A. Lahure, 1889).  
Acervo Divisão de Iconografia/FBN.



## Bibliografia:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos): biografia*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=313&sid=314>>. Acesso em: 14 mar. 2012.

Abaixo  
Ex-líbris do barão do Rio Branco. Cartão postal.  
Acervo Divisão de Iconografia/FBN. Localização: Ret.1 (12-23), item 21.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. Centro de História e Documentação Diplomática. *Seminário internacional "Barão do Rio Branco – 100 anos de memória"*. Disponível em: <[http://www.funag.gov.br/loja/download/1007-Barao do Rio Branco - 100 anos de memoria.pdf](http://www.funag.gov.br/loja/download/1007-Barao_do_Rio_Branco_100_anos_de_memoria.pdf)>. Acesso em: set. 2014.

LINS, Álvaro. *Rio Branco: o barão do Rio Branco, 1845-1912*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945. 2 v.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Exposição "O barão e a caricatura"*: Palácio Itamaraty, Brasília, 11 de outubro a 8 de novembro de 2001. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/2001/03/exposicao-o-barao-e-a-caricatura-palacio-itamaraty>>. Acesso em: 08 mar. 2012.

RICUPERO, Rubens. *José Maria Paranhos, barão do Rio Branco: uma biografia fotográfica*. Texto de Rubens Ricupero; organização, iconografia e legendas de João Hermes Pereira de Araújo, com a colaboração de Ricardo Joppert. Brasília: Funag; CHDD, 2002.

VIANA FILHO, Luis. *A vida do barão do Rio Branco*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.

Por que é raro?

---

A qualificação de raridade envolve inúmeros valores e particularidades. Assim, se faz necessária a formalização de uma metodologia para a organização deste conhecimento, capacitando a equipe de bibliotecários para desenvolver um olhar mais atento e minucioso sobre esse acervo. A Biblioteca Nacional, como a maioria das instituições curadoras de acervos raros, procurou elaborar critérios de raridade próprios que qualificassem seu acervo, agregando valor aos critérios já consagrados internacionalmente. Esses critérios foram elaborados por uma comissão de bibliotecários e oficializados através de um instrumento interno, a Ordem de Serviço OS-GD12/1984, que lista os critérios a serem comumente empregados para a qualificação de obras raras, observando as questões condizentes com a função de biblioteca depositária, particularizados pela própria natureza de uma biblioteca nacional.

Os critérios listados foram os seguintes:

1. todas as impressões dos séculos XV, XVI e XVII;
2. impressões do século XVIII até 1720;
3. obras editadas no Brasil até 1841;
4. edições de tiragens reduzidas;
5. edições especiais, de luxo, para bibliófilos;
6. edições clandestinas;
7. obras esgotadas;
8. exemplares de coleções especiais, em regra com belas encadernações e ex-libris;
9. exemplares com anotações manuscritas de importância, inclusive dedicatórias.

Nessa ordem de serviço foi destacado ainda que, de acordo com as particularidades e interesses específicos de cada biblioteca e/ou coleção,

outros critérios poderão ser acrescentados. Vale ressaltar que, para se classificar uma obra como rara dentro de padrões estabelecidos, é conveniente consultar bibliografias especializadas, catálogos especiais com descrição de exemplares, fontes de conhecimento sobre a história do livro e outras fontes de informação e referência.

No ano 2000, a Fundação Biblioteca Nacional produziu o CD-ROM *Críticos de raridade: Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN*. Nesse disco, são apresentados, comentados e ilustrados os critérios de raridade adotados pela Biblioteca Nacional.

Reproduziremos e comentaremos aqui, de maneira pontual, os critérios para qualificação de obras raras praticados pela FBN, num intuito de auxiliar os bibliotecários e curadores de acervos raros e de memória na elaboração de critérios próprios de raridade, observando o perfil de seu acervo.

## Críticos de raridade – Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional – CPBN – Séculos XV e XVI

### *Texto de apresentação do CD*

Quando vamos organizar o acervo de uma biblioteca e nos deparamos com obras antigas, inéditas, com encadernações preciosas, com autógrafos de personalidades, primeiras edições, belas ilustrações, etc, a nossa preocupação é como classificar o que é raro.

O primeiro e principal critério é determinar a política da instituição e os seus objetivos. Cada biblioteca tem o seu perfil. É necessário estudá-lo detalhadamente

para podermos avaliar que critérios são importantes para atendermos satisfatoriamente os usuários dessa biblioteca, baseando-se sempre na sua história. Os objetivos de uma biblioteca universitária diferem dos de uma biblioteca pública; o mesmo acontece com bibliotecas de empresas, de clubes, de bairros, de escolas etc. É claro que existem critérios que por si só já determinam a raridade de uma obra como, por exemplo, obras editadas imediatamente após a criação da imprensa. O que gostaríamos de colocar é que uma obra pode ser rara para uma biblioteca, e para a Biblioteca Nacional não, devido à importância do contexto da formação dos objetivos de cada instituição.

É necessário traçar o perfil da biblioteca que iremos trabalhar, para depois aplicarmos critérios de raridade.

Os critérios para a qualificação de Obras Raras adotados pela Fundação Biblioteca Nacional/Planor foram determinados a partir da necessidade da Divisão [de Obras Raras] de transmitir aos seus técnicos noções básicas sobre a raridade de uma obra, como também, o conhecimento da história do livro.

Os critérios que iremos demonstrar neste trabalho, não possuem uma ordem de valores; todos têm a sua importância e serão detalhados minuciosamente para esclarecer as dúvidas que ocorrerem quando classificamos uma obra rara/antiga.

## Os critérios de raridade

LEO

singulas. Et singlé poste erant ex singulis margarini: et platea ciuitatis aurú mūdú: tanq̄ vitri plucidú. Et templū non vidi in ea. Dñs enim deus omnipotens templū illud est: et agnus. Et ciuitas non eger sole neq̄ luna: ut luceant in ea. Et lam claritas dei illuminabit eam: et lucerna eius est agnus. Et ambulabunt gentes in lumine eius: et reges terre afferent gloriám suam a honorem in illam. Et porte eius non claudentur per noctem. Nox enim nō erit illis. Et afferent gloriám a honorem gentium in illam: nec intrabit in ea aliquid conquinatū aut abominationem faciens et mendaciū: nisi qui scripti sūt in libro vite agni. **XXII**

**E**t ostendit michi flumini aque viue splendidi tanq̄ cristallum: procedentem de sede dei a agni. In medio platee eius a ex vtraq̄ parte fluminis lignū vite afferens fructus duo decim: per menses singulos reddens fructum suū: et folia ligni ad sanitatem gentiū. Et omne maledictū non erit amplius: s̄ sedes dei et agni in illa erunt: et serua eius seruent illi. Et videbūt faciem eius: et nomē eius in frontibz eoz. Et nox vltra nō erit: et nō egebūt lumie lucerne neq̄ luce solis qui dñs deus illuminabit illos: et regnabunt in secula seculoz. Et dixit michi. Vee verba fidelissima sunt: et vera. Et dominus deus spiritiū p̄betaz misit angelum suū: ostendere seruis suis que oportet fieri cito. Et ecce vemo velociter. Beatus qui custo dit verba p̄betie libri huius. Et ego iohānes q̄ audiui et vidi hec. Et post q̄ audissem et vidi hec ut adoz: arē ante pedes angeli qui michi hec ostendebat. Et dixit michi. Vide ne feceris. Conseruus enim tuus sum: et fratrum tuoz p̄betarū: et eoz qui seruauit verba p̄betie libri huius. Deum adoz. Et dixit michi. Ne leugnaueris verba p̄betie libri huius. Tempus enim prope est. Qui nocet no ceat adhuc: et qui in sorchis est sor desat adhuc. Et qui iustus est iustificetur adhuc: et sanctus sanctificetur adhuc. Ecce vemo cito: et merces mea mecum est: reddere vnicuiq̄ secundum opera sua. Ego sum alpha et ω: primus et nouissimus: principium et finis.

Beati qui lauant stolas suas in sanguine agni: ut sit potestas eoz in ligno vite: et per portas intrent ciuitatem. Foris autē canes et venefici et impudici et homicide et ydoloz seruantes: et omnis qui amat et facit mendacium. Ego iohānes misit angelum meum testificari vobis hec in ecclesijs. Ego sū radix et genus dauid: stella splendida et matutina. Et spiritus et sponsa dicunt vni. Et qui audit: dicat vni. Et qui sitit veniat: et q̄ vult accipiat aquā vite gratis. Contestor enim omni audienti verba p̄betie libri huius. Si quis apposuerit ad hec: apponet deus super illū plagas scriptas in libro isto: et si quis diminuerit de verbis libri p̄betie huius: auferet deus partē eius de libro vite et de ciuitate sancta: et de his que scripta sunt in libro isto. Dicit qui testimoniū p̄betit istoz. Etiam. Vemo cito amen. Veni dñe ihesu. Gloria dñi nři ihesu cristi cū omibz vobis amē. **Explicit liber apocalyp̄s iohānis ap̄li.**

Dñs hoc opusculū finitū ac cōpletū et ad eusebiū dei mēstris in ciuitate Moguntij per iohāne fust canē et petru schoeffer de geratxym clericū dioces̄ eiusdeꝝ est conscriptū. Anno incarnatōis dñice. M. cccc. lxxij. In vigilia assumpcōis glōse virginis marie.



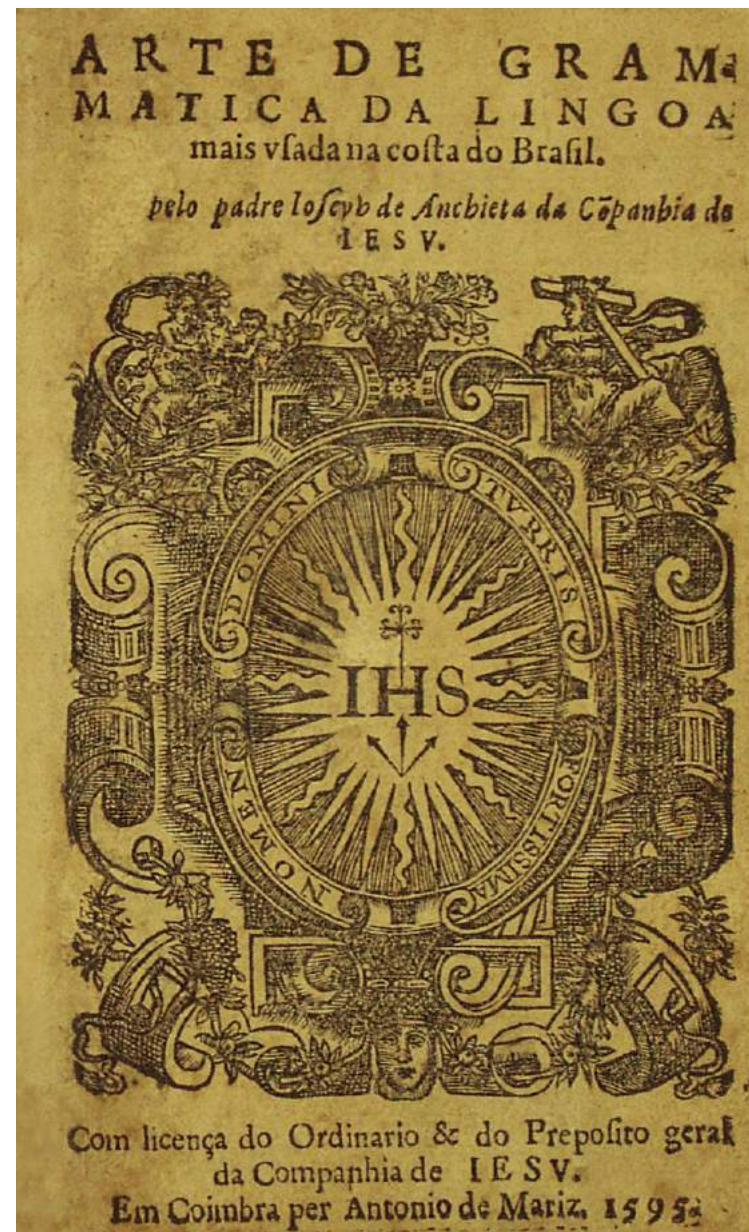
### 1. Primeiras impressões – séculos XV e XVI

“O critério cronológico já determina a raridade da obra.”

Em 1455(?), Gutenberg imprime o primeiro livro feito com caracteres móveis, conhecido como a Bíblia de Gutenberg ou Bíblia de 42 Linhas. Dessa data até o ano de 1500, inclusive, todas as obras impressas são denominadas *incunábulo*.

*Bíblia de Mogúncia (1462). Primeira obra impressa em que, no colofão, aparecem data e lugar de impressão e o nome dos impressores, no caso Fust e Schoeffer. Este é o incunábulo mais antigo no acervo da Biblioteca Nacional. Acervo Divisão de Obras Raras/FBN.*

*Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil. De José de Anchieta (Coimbra: Antônio de Mariz, 1595). Acervo Divisão de Obras Raras/FBN.*



FRUTAS  
DO  
BRASIL  
NUMA NOVA, E AS-  
cetica Monarchia,

CONSAGRADA  
A' SANTISSIMA  
SENHORA DO ROSARIO,

AUTHOR O SEU INDIGNO ESCRAVO

Fr. ANTONIO DO ROSARIO,  
omenor dos Menores da Serafica Familia  
de S. Antonio do Brasil, & Missionario  
no dito Estado;

Mandando-á imprimir

O Commissario Geral da Cavallaria de Pernambuco

SIMAM RIBEYRO RIB



LISBOA,  
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Com todas as licenças necessarias.  
Anno de 1702.



## 2. Impressões dos séculos XVII e XVIII

“No século XVII, a edição de uma obra se transforma em indústria e o livro em objeto de comércio.”

Século de grandes nomes da literatura, como Shakespeare, Cervantes, Molière, também é uma época em que ocorre o estabelecimento oficial de tipógrafos, gravadores e impressores. Surgem as oficinas dos Platin na Antuérpia, dos Elzevieres na Holanda; na França, é criada a Typographie Royale e na Inglaterra a Oficina da Universidade de Oxford. Em 1605, na França, é impresso o primeiro periódico, o *Mercure de France*; e em 1609, em Estrasburgo, surge o segundo periódico, o *Avisa Relation oder Zeitung*.

“Nesta época [séc. XVIII], os livros impressos se destacaram mais pelas ilustrações do que pelo texto em si.”

Este é um século em que se revelam grandes impressores, como John Baskerville na Inglaterra, a família Didot na França, Giambattista Bodoni na Itália e, na Espanha, o tipógrafo real Joaquim Ibarra.

*Frutas do Brasil*. De frei Antônio do Rosário (Lisboa: Antônio Pedrozo Galram, 1702).  
Acervo Divisão de Obras Raras/FBN.

*Segunda parte del Ingenioso cavallero don Quixote de la Mancha*. De Miguel de Cervantes (Madrid: Ivan de la Cuesta, 1615).  
Acervo Divisão de Obras Raras/FBN.

## SEGUNDA PARTE DEL INGENIOSO CAVALLERO DON QVIXOTE DE LA MANCHA.

Por Miguel de Cervantes Saavedra, autor de su primera parte.

Dirigida a don Pedro Fernandez de Castro, Conde de Lemos, de Andrade, y de Villalua, Marques de Sarria, Gentil-hombre de la Camara de su Magestad, Comendador de la Encomienda de Peñafiel, y la Zarça de la Orden de Alcantara, Virrey, Gouernador, y Capitan General del Reyno de Napoles, y Presidente del supremo Consejo de Italia.



Año

1615

CON PRIVILEGIO,

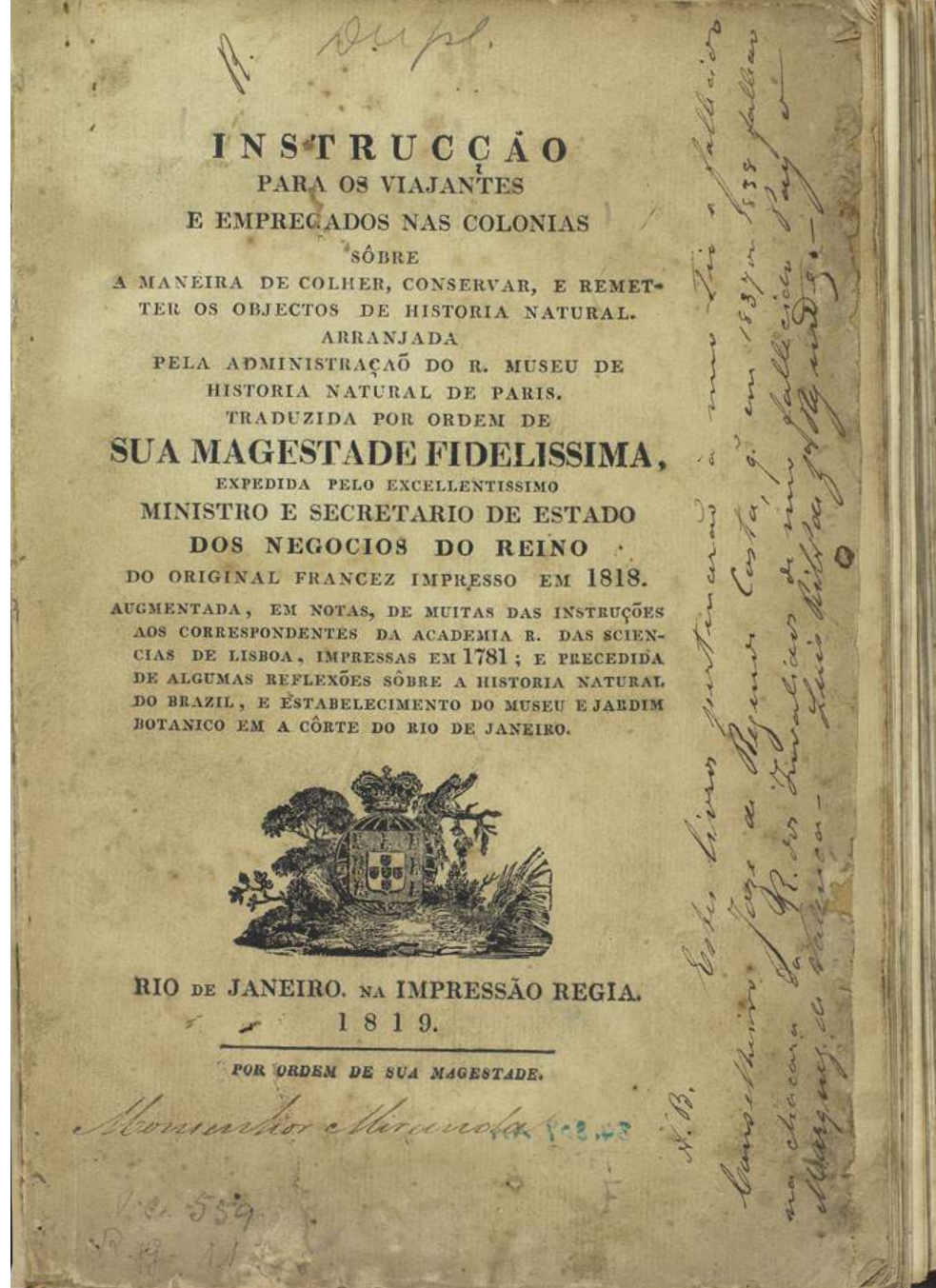
En Madrid, Por Iuan de la Cuesta.

vendese en casa de Francisco de Robles, librero del Rey N.S.

### 3. Brasil – século XIX

“Em relação ao Brasil, sobretudo nos estados, a produção gráfica se desenvolve a partir do Segundo Reinado; por esta razão estende-se o conceito de obra rara até 1841.”

A criação da Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808, marca o início da tipografia oficial no Brasil. De propriedade de Silva Serpa, em 1811, na Bahia, foi aberta a primeira tipografia particular. No Rio de Janeiro, a Imprensa Régia manteve o seu monopólio até a Independência, em 1822.



*Instrução para os viajantes e empregados nas colônias sobre a maneira de colher, conservar e remeter os objetos de história natural. Arranjada pelo Museu de História Natural de Paris e traduzida do original francês impresso em 1818, com acréscimos (Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1819). Acervo Divisão de Obras Raras/FBN.*



Henri Matisse

Jazz

Tériade éditeur

#### 4. Edições de tiragens reduzidas

“São edições limitadas com um número específico de exemplares, geralmente reduzidos.”

Por via de regra, estas edições são produzidas com papel especial e os exemplares são numerados e, por vezes, assinados.

*Jazz*. De Henri Matisse (Paris: Tériade, 1947). Edição com 250 exemplares numerados e assinados por Matisse, esta obra de 156 páginas conta com 20 estampas e textos escritos à mão pelo autor. As imagens *au pochoir*, uma variação da serigrafia, foram realizadas por Edmond Vairel, e os textos manuscritos gravados e impressos por Draeger Frères.

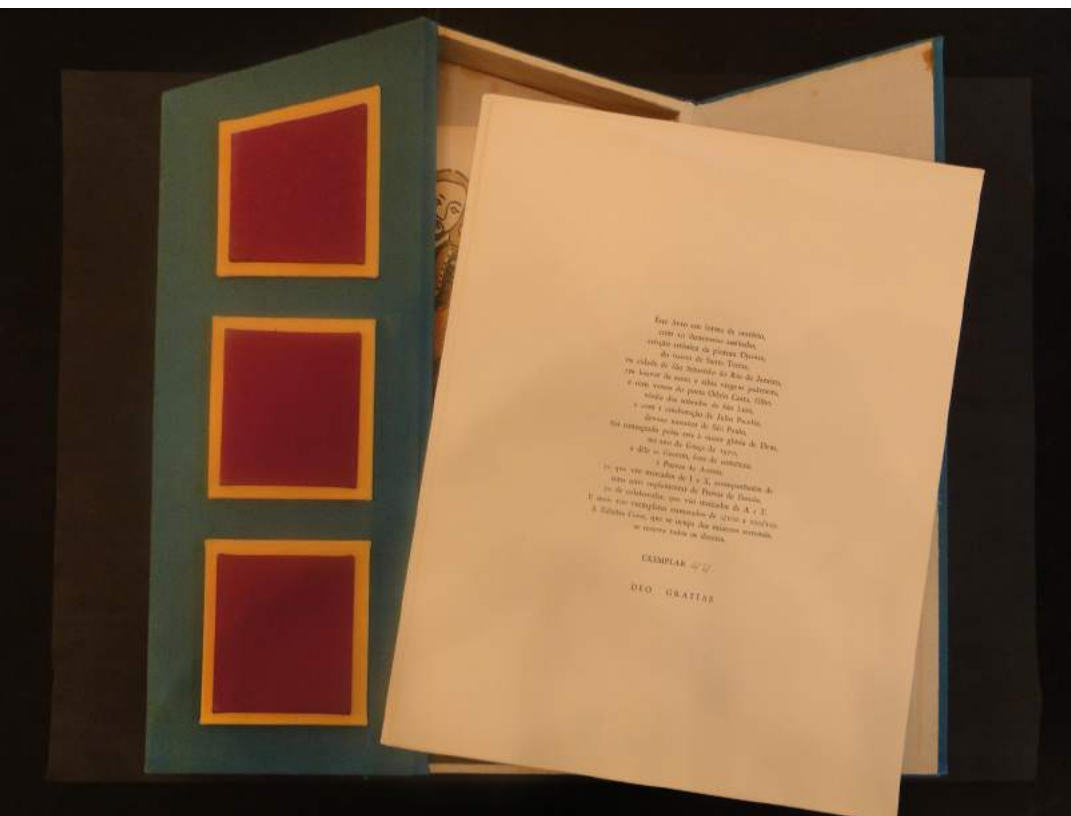
Acervo Divisão de Iconografia/FBN.



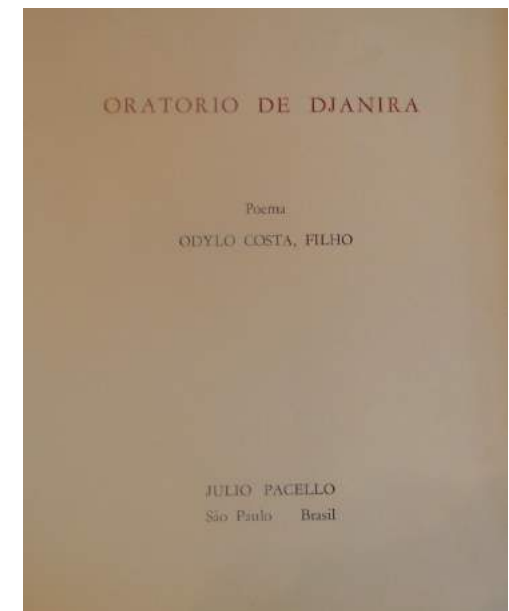
## 5. Edições especiais (de luxo, para bibliófilos)

São publicações do século XX e XXI, mas que trazem as “riquezas tipográficas dos grandes impressores dos séculos XV e XVI”.

Essas edições, além de serem produzidas com papel superior, muitas vezes apresentam folhas em separado ou em cadernos, acondicionadas em caixas. Geralmente ilustradas por artistas renomados, podem ter a assinatura do autor da obra e do ilustrador.



*Oratório*. Gravuras de Djanira com poemas de Odylo Costa, filho (São Paulo: Júlio Pacello, 1970). Álbum em forma de oratório (dim.: 47 x 33 cm.), contendo dez folhas com gravuras iluminadas (xilografia realçada com guache). Tiragem de 100 exemplares numerados + 20 exemplares de colaborador, marcados de A a T. Acervo Divisão de Iconografia/FBN.

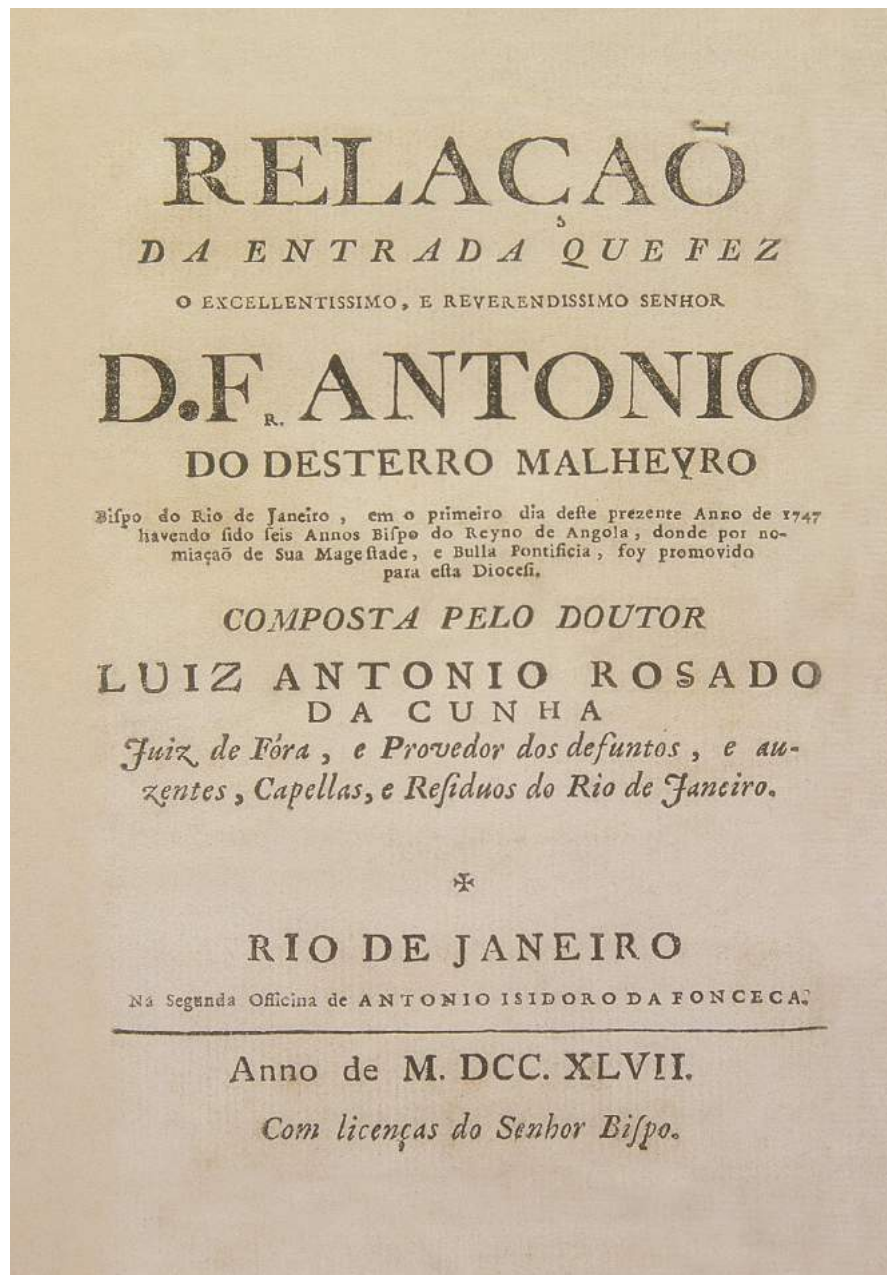


## 6. Edições clandestinas

“Na Europa, várias obras foram publicadas clandestinamente por motivos políticos e principalmente religiosos.”

São vários os motivos que levam à existência de publicações clandestinas. As questões morais, religiosas, políticas ou a pirataria editorial suscitam o aparecimento de tais edições. No Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, em 1747, o tipógrafo Isidoro da Fonseca, que havia trazido de Portugal equipamentos para a instalação de uma tipografia, imprimiu a *Relação da entrada que fez [...] D. F. Antonio do Desterro Malheyro Bispo do Rio de Janeiro [...] Rio de Janeiro, na segunda officina de Antonio Isidoro da Fonseca, anno de M.DCC. XLVII*. Mas, em 6 de julho do mesmo ano, uma ordem régia, além de proibir a impressão de “qualquer livro ou papel avulso, sob pena de serem presos e remetidos para o reino”, confiscou os prelos da tipografia de Isidoro da Fonseca e os remeteu a Lisboa.

*Relação da entrada que fez [...] D. Fr. Malheyro, bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste presente anno de 1747. De Luiz Antônio Rosado da Cunha (Rio de Janeiro: Antônio Isidoro da Fonseca, 1747). Acervo Divisão de Obras Raras/FBN.*



## 7. Obras esgotadas

“Edições consagradas esgotadas e não reeditadas, razão para se considerar rara.”

## 8. Exemplos de coleções especiais (em regra com belas encadernações e ex-libris)

“Muitas vezes uma obra não é considerada rara isoladamente, mas o ato de pertencer a um fundo faz com que se torne rara, pelo seu conjunto e pela sua história.”

Em geral, as coleções possuem carimbos ou ex-libris, que são marcas que identificam os seus proprietários anteriores. Normalmente, essas marcas são encontradas no verso da capa, página de rosto ou no verso da página de rosto.

“Podemos avaliar uma obra rara pelo seu valor extrínseco, como as belíssimas encadernações em couro, pergaminho, veludos, gravadas a ouro, com filetes e seixas douradas, etc.”

Após o surgimento da tipografia, as encadernações tornam-se mais numerosas e, através dos séculos, várias técnicas e materiais são utilizados. Grandes encadernadores imprimem suas marcas na técnica da encadernação, criando verdadeiras escolas de estilo como, por exemplo, as encadernações em estilo *mudéjar*, *aldinas*, *Grolier* e *Maioli* (séc. XV), à *Fanfare* (séc. XVI-XVII) e à *Dentelle* e *Padeloup* (séc. XVIII).



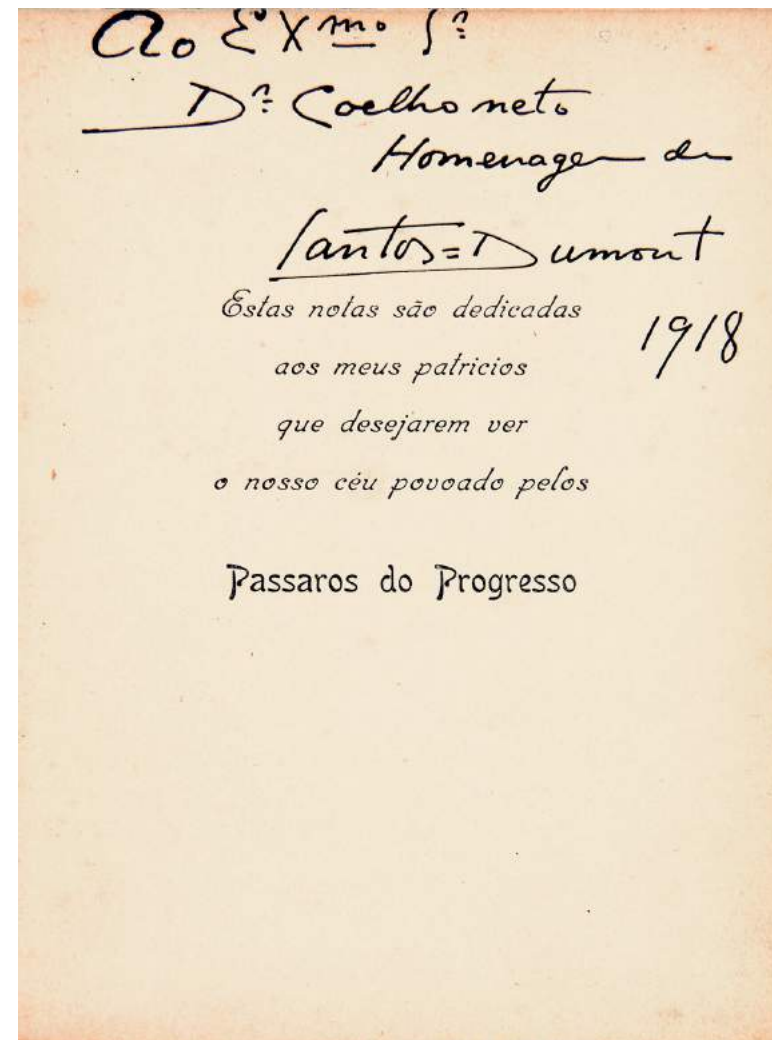
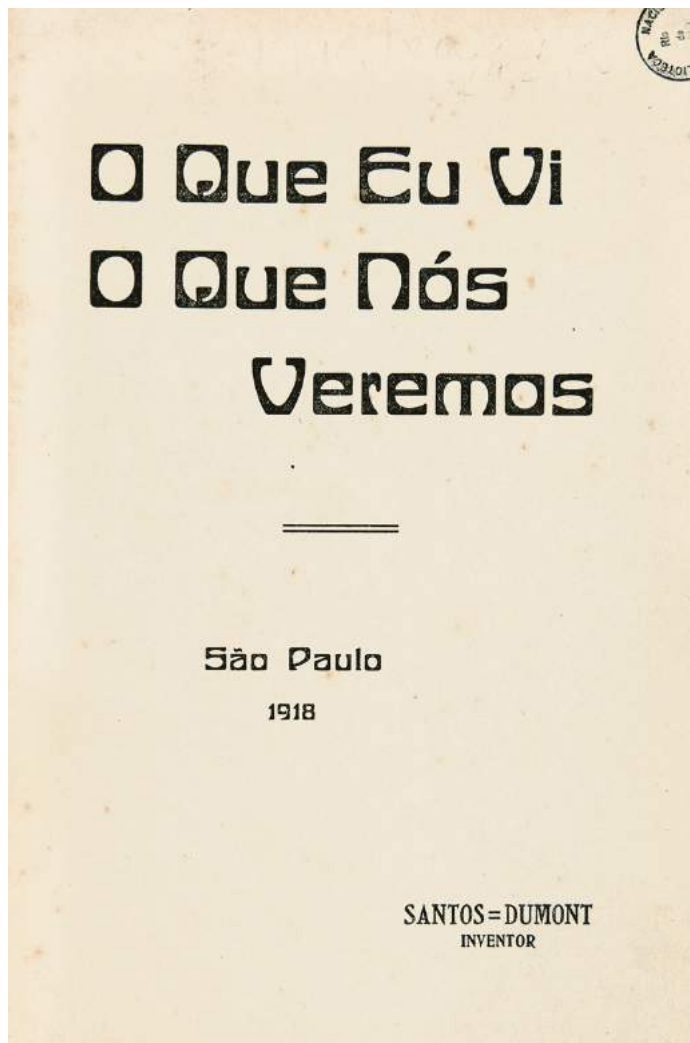
Capa para a obra *Novo método mnemotécnico da língua francesa*, de André Adolphe Daux (Paris: Vva. J.P Aillaud Guillaud et Cie., 1871). Este exemplar, pertencente à Coleção Thereza Christina Maria, apresenta uma encadernação em couro com cercadura gofrada em filete dourado, tendo no centro incrustado um brasão em metal dourado. Acervo Divisão de Obras Raras/FBN.

## 9. Exemplares com anotações manuscritas de importância (inclusive dedicatórias)

“Dedicatórias dos autores das obras, de reis, governantes ou autógrafos de celebridades. Informações relevantes que esclareçam ou comentem a obra.”

### Referências

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. Planor. Critérios de raridade [e] Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional – CPBN: séculos XV e XVI. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. 1 CD-ROM.



*O que eu vi, o que nós veremos.* De Alberto Santos-Dumont (São Paulo: [s.n.], 1918). Exemplar com dedicatória do autor. Acervo Divisão de Obras Raras/FBN.

No acervo da Biblioteca Nacional

---

# “O MESTRE-SALA DOS MARES”

Vera Lúcia M. Faillace\*

No ano de 1994, o historiador Marco Morel doou à Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional o arquivo que pertenceu a seu avô, o jornalista Edmar Morel (1912-1989).<sup>1</sup> Nesse acervo se encontram, além de documentos pessoais, estudos e reportagens, documentos e fotografias referentes ao livro intitulado *A Revolta da Chibata*, escrito pelo jornalista e publicado pela primeira vez em 1958. Esse livro é fruto de dez anos de pesquisas e investigações do autor, que nos primeiros capítulos faz uma análise da revolta e, nos últimos, narra a trajetória de vida de João Cândido, tornado herói popular, símbolo das lutas raciais do povo brasileiro. Esse livro causou grande polêmica, porque o que se conhecia até então sobre o episódio era a versão escrita pelos militares, que afirmava que a revolta não passara de um conflito racial sob o comando de um marinheiro negro.

A Revolta da Chibata foi um movimento dos oficiais de patentes inferiores da Marinha do Brasil, ocorrida entre os dias 22 e 27 de novembro de 1910 na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, então capital da República. O objetivo era pôr fim às punições físicas a que eram submetidos os marinheiros (como as sessões de chicotadas e de palmatória – às quais todos eram obrigados a assistir, para que

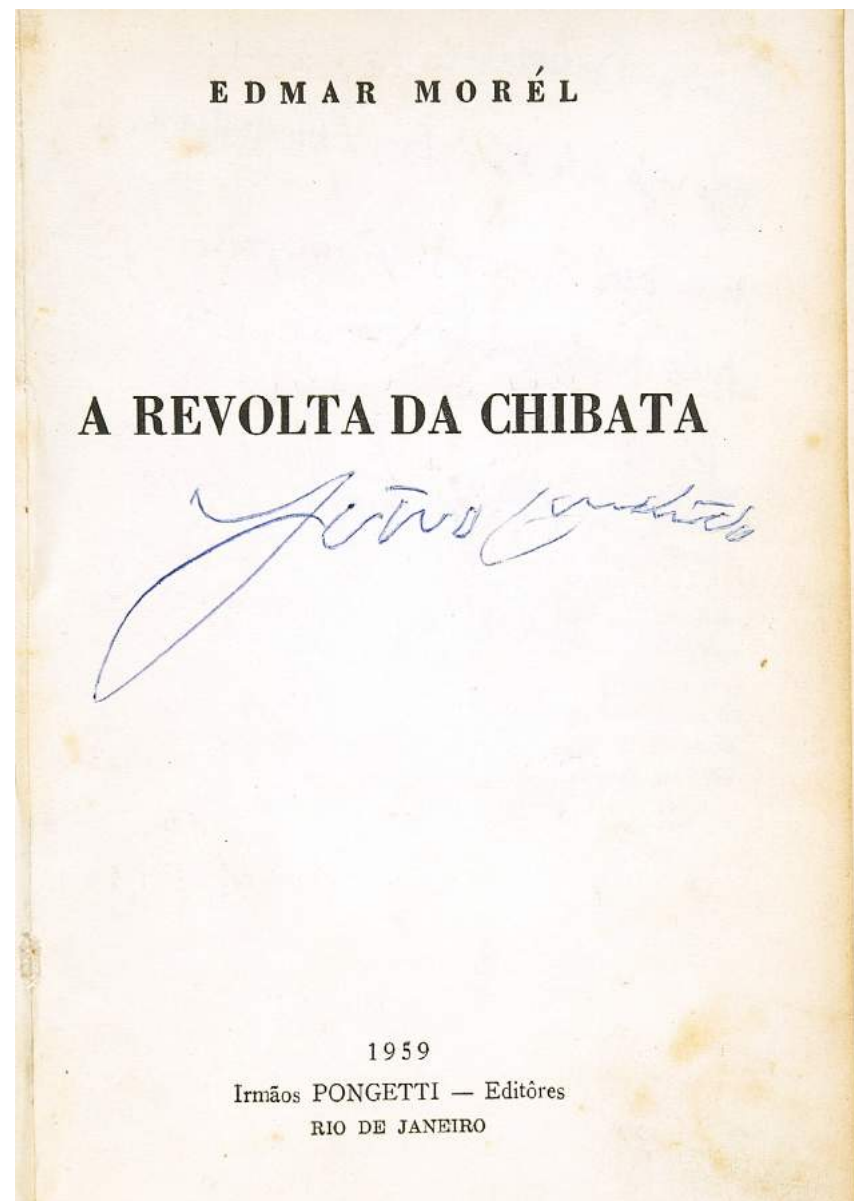
servissem de exemplo – e o aprisionamento em celas destinadas ao isolamento), reivindicar alimentação saudável e, também, pôr em prática a lei, já votada pelo Congresso, de reajuste dos honorários. João Cândido foi quem redigiu a carta com as reivindicações. Caso não fossem atendidas, os marinheiros ameaçavam bombardear a cidade do Rio de Janeiro a partir de seus navios. Diante da gravidade da situação, o presidente Hermes da Fonseca resolveu acatar as demandas. Porém, dias depois de ter abolido os castigos e perdoado os marinheiros, mandou banir da Marinha os revoltosos. Alguns foram presos e outros deportados para a Amazônia. João Cândido ficou preso num calabouço na Ilha das Cobras e somente em 1912 foi julgado e declarado inocente, juntamente com os companheiros que participaram da revolta. Em 2003, o Congresso Brasileiro restabeleceu os direitos dos marinheiros, com a devolução de suas patentes.

Como homenagem à coragem do Almirante Negro e seus companheiros, os compositores João Bosco e Aldir Blanc fizeram, nos anos 1970, um samba chamado “O mestre-sala dos mares”, que teve em sua letra várias palavras censuradas.

*A Revolta da Chibata*. De Edmar Morel (Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1959).  
O exemplar do acervo da Biblioteca Nacional apresenta folha de rosto com autógrafo de João Cândido, o Almirante Negro, e falsa folha de rosto com dedicatória do autor. Acervo Divisão de Manuscritos/FBN.

\* Bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional, chefe da Divisão de Manuscritos.

1 O “Inventário analítico dos documentos do Arquivo Edmar Morel” foi publicado no volume 116 dos *Anais da Biblioteca Nacional*.



Sobre a censura à música, o compositor Al-  
dir Blanc conta:

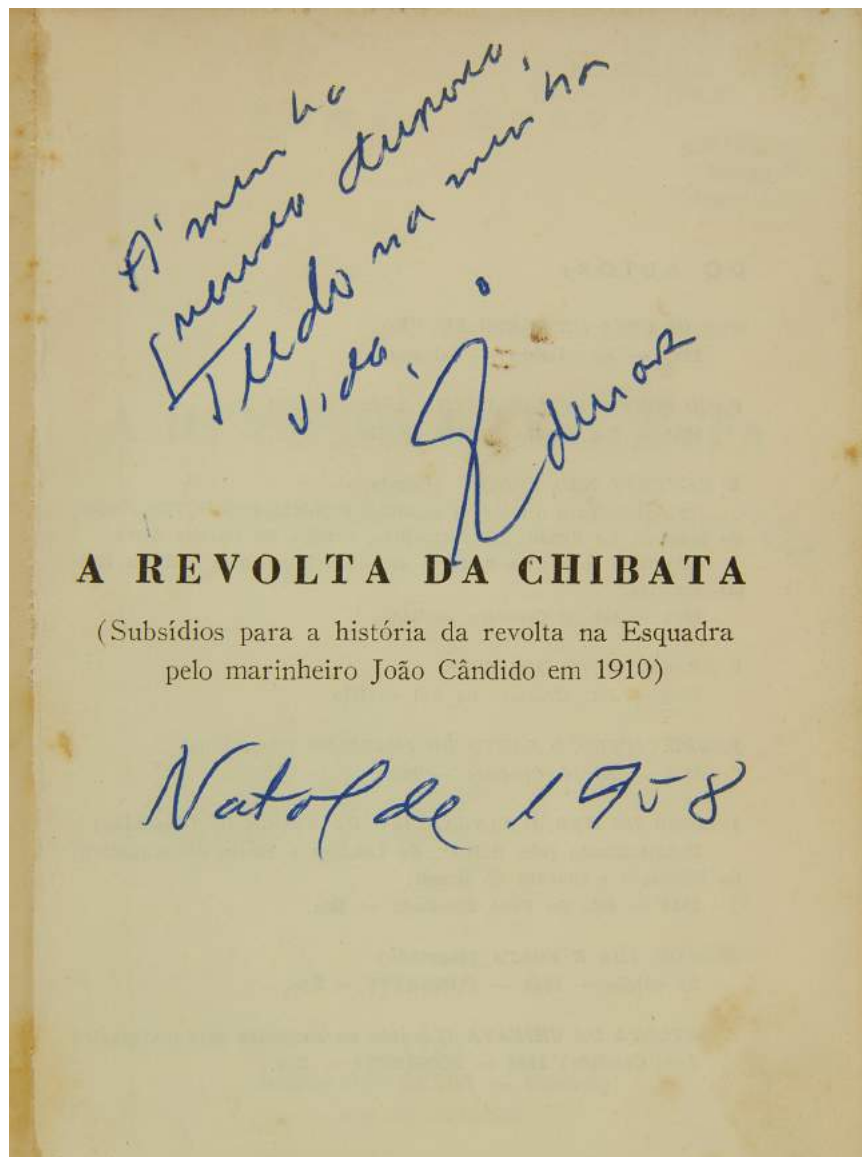
Tivemos diversos problemas com a censura. Ou-  
vimos ameaças veladas de que a Marinha não to-  
leraria loas a um marinheiro que quebrou a hie-  
rarquia e matou oficiais, etc. Fomos várias vezes  
censurados, apesar das mudanças que fazíamos,  
tentando não mutilar o que considerávamos as  
ideias principais da letra. Minha última ida ao  
Departamento de Censura, então funcionando  
no Palácio do Catete, me marcou profundamen-  
te. Um sujeito, bancando o durão, [...] mãos na  
cintura, eu sentado numa cadeira e ele de pé,  
com a coronha da arma no coldre a uns três cen-  
tímetros do meu nariz. Aí, um outro, bancando o  
'bonzinho', disse mais ou menos o seguinte:

— Vocês não estão entendendo... estão trocando  
as palavras como *revolta*, *sangue*, etc. e não é aí  
que a coisa 'tá' pegando...

Eu, claro, perguntei educadamente se ele pode-  
ria me esclarecer melhor. E, como se tivesse le-  
vado um 'telefone' nos tímpanos, ouvi, estarreci-  
do, a resposta, em voz mais baixa, gutural, cheia  
de mistério, como quem dá uma dica perigosa:

— O problema é essa história de negro, negro,  
negro...<sup>2</sup>

2 A revolta da chibata. Disponível em: <[www.cefetsp.br/  
edu/eso/patricia/revoltachibata.html](http://www.cefetsp.br/edu/eso/patricia/revoltachibata.html)>. Acesso em set. 2014.



Para aditar à coleção de seu avô, Marco Mo-  
rel doou, em 2008, um exemplar da edição de  
1959 do livro *A Revolta da Chibata*. Trata-se  
de uma raridade, pois, além de possuir as de-  
dicatórias de Edmar e Marco Morel, contém a  
única assinatura conhecida de João Cândido,  
o Almirante Negro, aquele que aboliu o uso da  
chibata na marinha brasileira.

Falsa folha de rosto com  
dedicatória do autor.

## O mestre-sala dos mares

(João Bosco / Aldir Blanc)

(letra original sem censura)

Há muito tempo nas águas da Guanabara  
O dragão do mar reapareceu  
Na figura de um bravo **marinheiro**  
A quem a história não esqueceu  
Conhecido como o **almirante** negro  
Tinha a dignidade de um mestre-sala  
E ao **navegar pelo mar com seu bloco de fragatas**  
Foi saudado no porto pelas mocinhas francesas  
Jovens polacas e por batalhões de mulatas  
Rubras cascatas jorravam das costas  
**dos negros pelas pontas das chibatas**  
Inundando o coração **de toda tripulação**  
Que a exemplo do **marinheiro** gritava então  
Glória aos piratas, às mulatas, às sereias  
Glória à farofa, à cachaça, às baleias  
Glória a todas as lutas inglórias  
Que através da nossa história  
Não esquecemos jamais  
Salve o **almirante** negro  
Que tem por monumento  
As pedras pisadas do cais  
Mas faz muito tempo

## O mestre-sala dos mares

(João Bosco / Aldir Blanc)

(letra após censura durante a ditadura militar)

Há muito tempo nas águas da Guanabara  
O dragão do mar reapareceu  
Na figura de um bravo **feiticeiro**  
A quem a história não esqueceu  
Conhecido como o **navegante** negro  
Tinha a dignidade de um mestre-sala  
E ao **acenar pelo mar na alegria das regatas**  
Foi saudado no porto pelas mocinhas francesas  
Jovens polacas e por batalhões de mulatas  
Rubras cascatas jorravam das costas  
**dos santos entre cantos e chibatas**  
Inundando o coração **do pessoal do porão**  
Que a exemplo do **feiticeiro** gritava então  
Glória aos piratas, às mulatas, às sereias  
Glória à farofa, à cachaça, às baleias  
Glória a todas as lutas inglórias  
Que através da nossa história  
Não esquecemos jamais  
Salve o **navegante** negro  
Que tem por monumento  
As pedras pisadas do cais  
Mas faz muito tempo



Fique por dentro

---

# X ENCONTRO NACIONAL DE ACERVO RARO - ENAR

Tema: Critérios de raridade de acervos raros e especiais

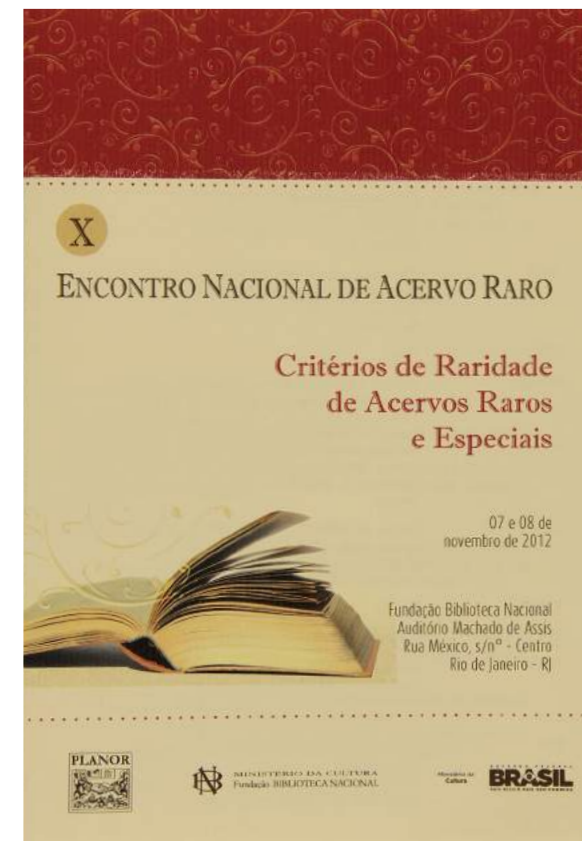
A questão da raridade bibliográfica é um assunto que normalmente suscita dúvidas aos curadores de acervo, principalmente no momento em que se deseja estabelecer o que seria classificado como antigo, raro, único e precioso. Para ser considerado raro, o livro deve se enquadrar em alguns critérios que assim o qualifiquem, diferenciando-o dos demais.

Abrindo espaço para relatos de experiências, discussões e reflexões acerca da elaboração e adoção de critérios de raridade, o Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras - Planor, realizou nos dias 8 e 9 de novembro de 2012 na Fundação Biblioteca Nacional o X Encontro Nacional de Acervo Raro - Enar, com a temática “Critérios de raridade de acervos raros e especiais”.

Nesta edição, o Planor promoveu a mostra “Resíduos & Memória: o acervo raro recolhido pelo Programa de Coleta Seletiva do Bairro de São Francisco”, que expôs, em cerca de 40 peças, parte do acervo de material de grande valor histórico e cultural que é formado a partir da coleta seletiva de lixo no bairro de São Francisco, em Niterói (RJ). O professor Emílio Maciel Eigenheer (UERJ e UFF), coordenador do programa de coleta seletiva do lixo, apresentou o projeto em uma das palestras do Encontro.

Os trabalhos apresentados no X Enar estão disponíveis na página do Planor em: <http://www.bn.br/planor/eventos.html>.

Mesa de Abertura do X Enar. (Da esquerda para direita) Maria José Fernandes (coordenadora de Acervo Especial), Mônica Rizzo (diretora do Centro de Referência e Difusão) e Rosângela Von Helde (gerente do Planor).



Folder do X Enar

No X Enar, além dos 16 trabalhos apresentados, tivemos ao final do evento uma seção de autógrafos com Jayme Spinelli, coordenador de Preservação da Biblioteca Nacional, autor, juntamente com José Luiz Pedersoli Jr., do livro *Biblioteca Nacional: plano de gerenciamento de riscos: salvaguarda & emergência*.

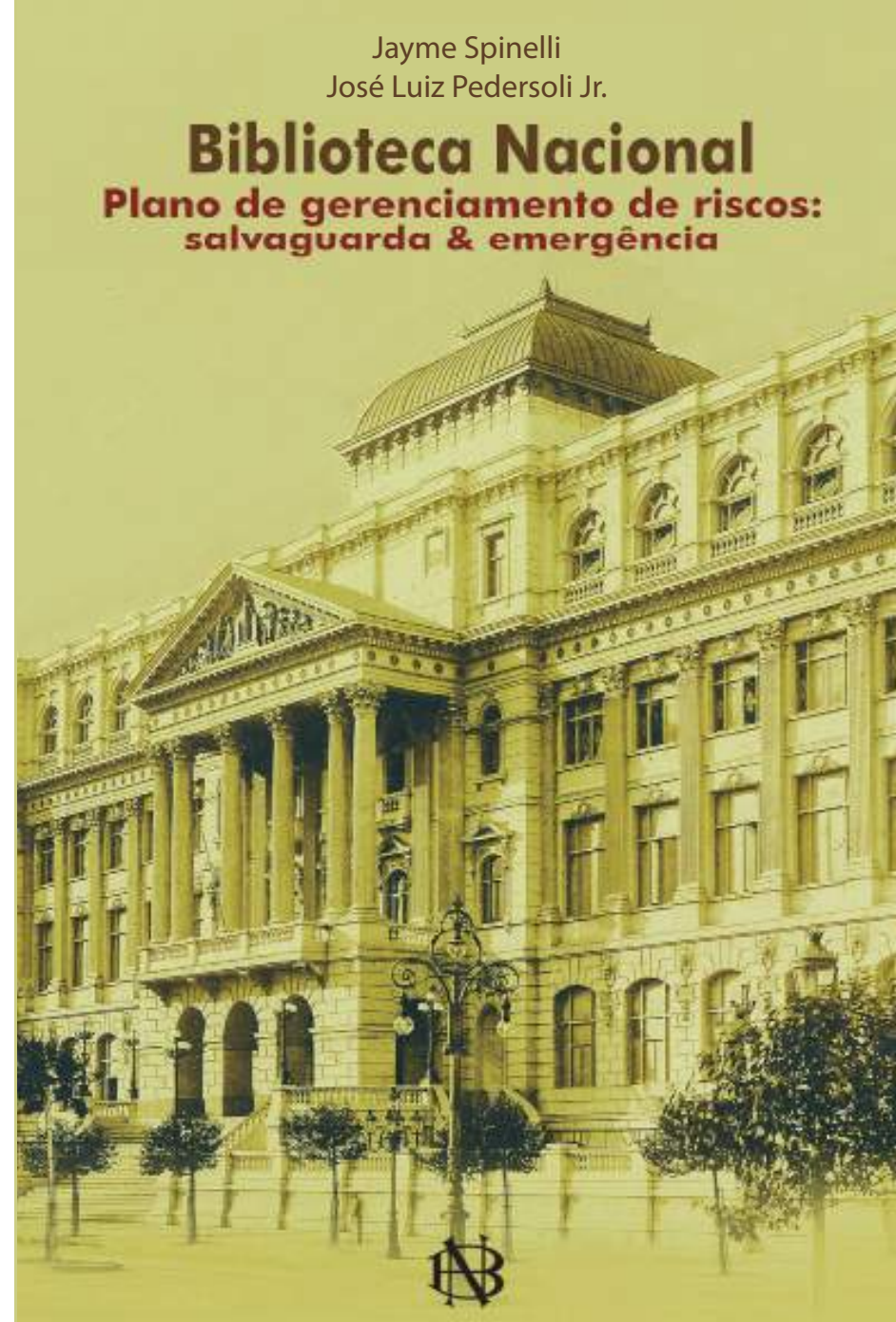
Este livro está disponível em português, inglês e espanhol no portal da Biblioteca Nacional Digital no endereço:

<[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div obrasgerais/drg\\_plano\\_risco\\_por/drg\\_plano\\_risco\\_por.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg_plano_risco_por/drg_plano_risco_por.pdf).>



Jayme Spinelli, coordenador de Preservação da Biblioteca Nacional, autografando exemplares do livro.

Capa do livro *Plano de gerenciamento de riscos: salvaguarda & emergência*





O ACERVO RARO RECOLHIDO  
PELO PROGRAMA DE  
COLETA SELETIVA DO  
BAIRRO DE SÃO FRANCISCO

## Programa de Coleta Seletiva do Bairro de São Francisco

**D**esde 1985, quando foi criado, o Programa de Coleta Seletiva do Bairro de São Francisco, em Niterói, separa peças de valor cultural dentre os materiais recicláveis recolhidos.

Desde o início, o projeto não pretendeu formar “acervos curiosos” ou “museus do lixo”. O importante é reconhecer que um rico acervo de valor local e nacional se perde diariamente no lixo de nossas cidades. Notícias frequentes de achados interessantes e da formação de coleções de livros e revistas por garis e catadores confirmam esta hipótese. Trata-se de despertar um sentimento de valorização e zelo para com os materiais culturais que temos em casa, e que podem ser, quando não mais desejados, oferecidos a amigos e instituições, ou mesmo vendidos.

Essa mostra levanta questões sobre a trajetória dos materiais culturais nas próprias residências: mudanças de moradia, falta de espaço, infestação de cupins e traças e, principalmente, os rituais da morte, quando o tradicional e rápido desvencilhar-se das “coisas” do falecido pode trazer desastrosas consequências.

*Folder da exposição “Resíduos & Memórias – o acervo raro recolhido pelo Programa de Coleta Seletiva do Bairro de São Francisco”, que ficou em exposição no 2º andar da Biblioteca Nacional.*



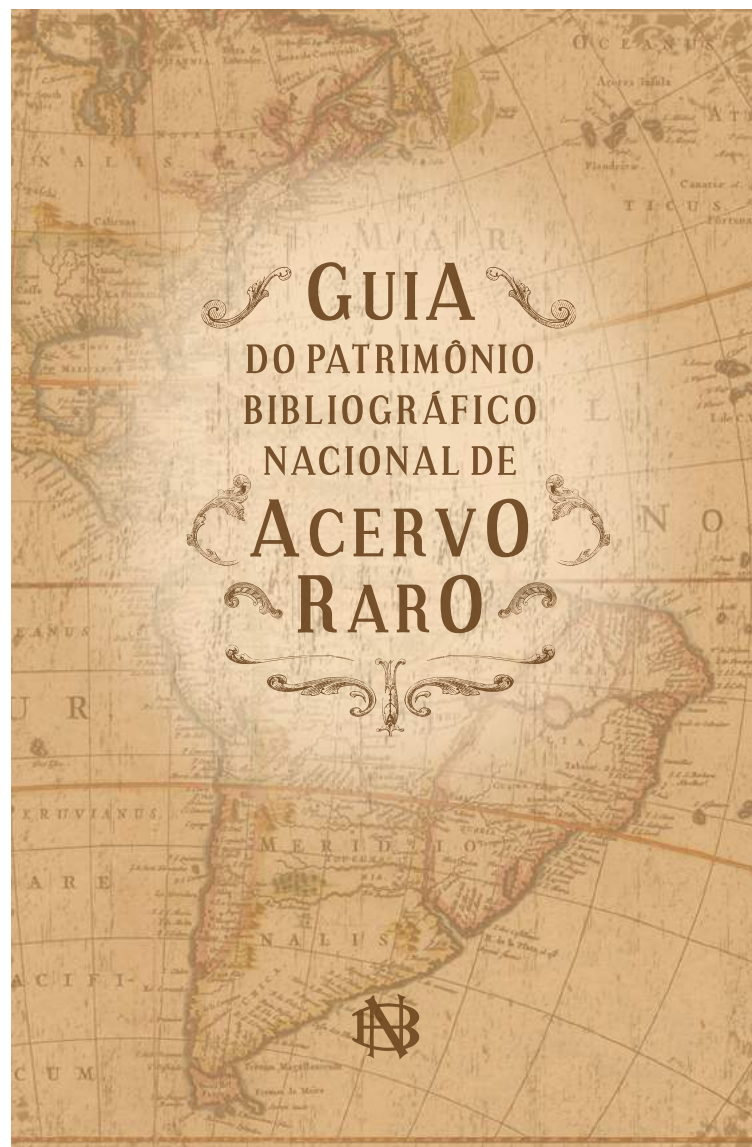
Acima, o professor Emílio Eigenheer palestrando a respeito do programa de coleta seletiva e seus achados.

Abaixo, vitrine com algumas das fotografias recolhidas pelo Programa. Além de fotografias e livros, também foram expostos uma coleção de moedas antigas e exemplares dos primeiros selos postais do Brasil, da série Olho de Boi.



**P**ublicado e lançado em julho de 2012, o *Guia do patrimônio bibliográfico nacional de acervo raro* apresenta 346 bibliotecas detentoras de acervos raros e especiais e que foram catalogadas até maio de 2011, sendo que deste montante 119 bibliotecas já constavam do Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN. O levantamento de acervos raros e especiais coletados e relacionados no Guia é uma continuidade do *Indicador das bibliotecas brasileiras de acervo antigo*, que teve quatro versões impressas nos anos de 1993, 1994, 1996 e 1997, e uma versão on-line entre os anos de 2000 e 2004.

O levantamento de acervos raros e especiais feito pelo Planor é um trabalho constante, que não cessa com a publicação deste guia: quando novas bibliotecas com estes acervos são identificadas, estas são relacionadas, contactadas e convidadas pelo Planor a também fazerem parte do CPBN.



O *Guia do patrimônio bibliográfico nacional de acervo raro*. Um exemplar da publicação foi enviado para todas as bibliotecas e instituições relacionadas no guia.

## VISITAS TÉCNICAS

**D**entre as ações do Planor, está a realização de visitas técnicas a bibliotecas com acervos raros, realizadas normalmente em parcerias com o Centro de Conservação e Encadernação - CCE da Biblioteca Nacional.

Fachada do prédio do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, onde se localiza a Biblioteca Ministro Carvalho Júnior, da 1ª Região do Tribunal do Trabalho do Rio de Janeiro.



No segundo semestre de 2012, visitamos a Biblioteca Ministro Carvalho Júnior, da 1ª Região do Tribunal do Trabalho do Rio de Janeiro, e a Biblioteca Redentorista Pe. Jaime Snoek, C. Ss. R., em Juiz de Fora.

Biblioteca Redentorista Pe. Jaime Snoek, C. Ss. R., em Juiz de Fora.

Dicas e curiosidades

---



**D**o francês *raison* (razão), *raisonné* seria “aquilo a que se aplica o método da razão, o método racional”. Um catálogo *raisonné* (em espanhol, *catálogo razonado*) se propõe ser a mais completa fonte de referência sobre a obra de um artista, relacionando toda a sua produção. Nele, encontramos a origem, localização atual, dados históricos, técnicos e bibliográficos, informações sobre cópias, documentações, correspondências, etc.

Em 2004, foi publicado, em cinco volumes, o catálogo *raisonné* de Cândido Portinari, tornando-o o primeiro artista latino-americano a ter a obra completa reunida neste tipo de publicação. Seu projeto de elaboração arrolou cerca de 25 mil documentos, entre cartas, recortes de jornais, depoimentos, fotografias, catálogos, livros, monografias, etc.

Existem casos em que se cobre somente um determinado período ou um aspecto da obra do artista, como é o caso de Iberê Camargo que, em 2006, teve publicada especificamente a sua produção de gravuras.

Tarsila do Amaral é outra artista brasileira que teve sua obra reunida (2008). São três volumes que apresentam suas “pinturas”, “desenhos” e “ilustrações, gravura, escultura e fotobiografia”.

*Natureza morta*. Gravura em água-forte e água-tinta de Iberê Camargo, feita a partir de 3 chapas (1954). Prova do artista, assinada.  
Acervo Divisão de Iconografia/FBN.

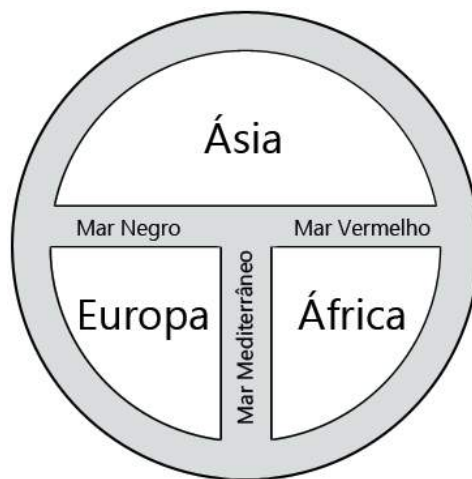


# MAPAS-MÚNDI: OS MAPAS T-O

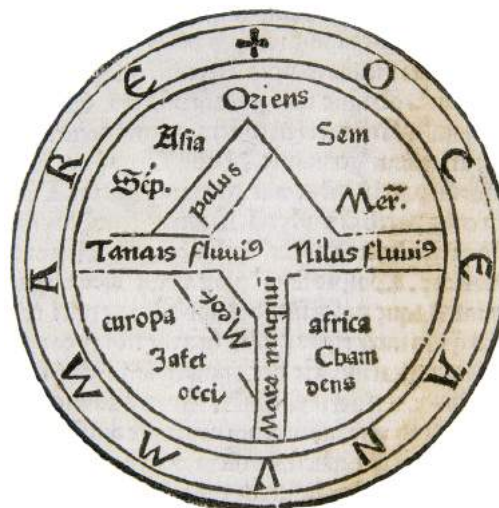
No decorrer da história da cartografia, existiram várias formas de representação do mapa-múndi, por exemplo, o Mapa Zonal ou Macrobian, Mapas T-O, Mapas Quadripartite e os mapas complexos.

Na Idade Média, a representação iconográfica da “imagem do Mundo” era feita na forma de mapas circulares, chamados de Mapas da Roda, Mapas T-O ou Tripartite. Esta forma de representação deriva dos mapas redondos e planos dos romanos, o *Orbis Terrarum* (OT). Os Mapas T-O são exemplos da representação do símbolo da cultura religiosa medieval da tripartição cristã, uma visão bíblica da divisão do mundo. Nesses mapas esquemáticos, o mundo é representado na forma de um círculo: o Oceano. Em seu interior, simbolizando a cruz do martírio de Cristo, insere-se um “T” que divide o mapa em continentes: Europa, Ásia (Occidental) e África (Norte). Separando as porções terrestres, o Mar Negro ou o rio Tanais (atualmente rio Don), entre a Europa e a Ásia; o rio Nilo ou o Mar Vermelho entre a África e a Ásia; e, perpendicularmente, entre a Europa e a África, o Mar Mediterrâneo.

Na parte superior dos mapas, situa-se o Paraíso, e no ponto de convergência entre as linhas, está o centro do universo cristão: a Cidade Santa de Jerusalém. Os três continentes frequentemente são designados pelos nomes dos filhos de Noé: Sem, o primogênito, é a Ásia; embaixo, à direita, Cam, o segundo filho, na representação da África; e na porção inferior, à esquerda, o terceiro filho, Jafet, representando a Europa.



Acima:  
Esquema representativo de um Mapa T-O



Isidoro de Sevilha (ca. 560-635) na sua obra *Ety-mologiae* (1472) apresenta uma simplificação desta representação espacial, com formas geométricas onde, nos espaços livres, são acrescentadas anotações das localizações terrestres e marítimas.

## Bibliografia:

FARIA, Maria Dulce de. *A representação cartográfica no Brasil Colonial na Coleção da Biblioteca Nacional*. Biblioteca. Disponível em: <[http://consorcio.bn.br/cartografia/cart\\_colonial.html](http://consorcio.bn.br/cartografia/cart_colonial.html)>. Acesso em: set. 2014.

KATUTA, Ângela Massimo. Imagens: testemunhas oculares das simbologias toponímicas, das racionalidades humanas e do modo de produção. In: *Actas del X Colóquio Internacional de Geocrítica*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2008. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/programa.htm>>. Acesso em: 5 mar. 2012.

LÍTER, Carmen; SANCHIS, Francisca; HERRE-RO, Ana. *Geografía y cartografía renascentistas*. Madrid: Akal, 1992. (Historia de la ciencia y de la técnica, v. 13)

Exemplo de Mapa da Roda Quadripartite. In: ISIDORO DE SEVILHA, santo. [*Ety-mologiarum Libb. XX necnom de Summo bono Libb. III*]. Incipit liber primus etymologiaru[m]. Impressus Venetijs [Veneza, Italia]: Per Petru[m] Loslein de Langencen, 1483.

# GERHARD MERCATOR



**E**m 2012, celebraram-se 500 anos de nascimento do cosmógrafo, cartógrafo e matemático belga Gerard Mercator (1512-1594), considerado o pai da cartografia moderna. Em 1569, ele criou a projeção cilíndrica, posteriormente conhecida como a *projeção Mercator*, que possibilitava a representação do globo terrestre em um plano bidimensional retangular. Também foi o introdutor da palavra *atlas* para designar um conjunto de cartas geográficas (mapas).

*Atlas sive Cosmographicae meditationes de fabrica mundi et fabricati figura. De Gerard Mercator (Amsterdam: J. Hondii, 1613). Folha de rosto. Acervo Divisão de Obras Raras/FBN.*

# REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

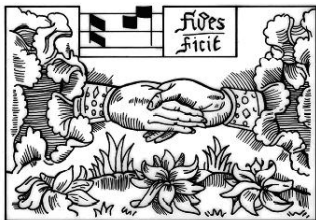
*Presidenta da República*  
Dilma Rousseff  
*Ministra da Cultura*  
Marta Suplicy

## FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

*Presidente*  
Renato Lessa  
*Diretora Executiva*  
Myriam Lewin  
*Centro de Pesquisa e Editoração*  
Marcus Venicio Ribeiro  
*Coordenadoria de Editoração*  
Raquel Fabio  
*Centro de Coleções e Serviços aos Leitores*  
Maria José Fernandes (interina)  
*Coordenadoria de Acervo Especial*  
Mônica Carneiro (interina)

As imagens utilizadas no Boletim Informativo do Planor pertencem ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional, salvo aquelas com indicação de proveniência. As opiniões nos artigos são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

Esta edição do Boletim foi produzida para distribuição em meio eletrônico e leitura em monitores. Seu sumário e seções incluem *hyperlinks* que permitem saltar a leitura a partir dos itens do sumário até a seção desejada, e de volta ao sumário. A impressão é permitida e está configurada para o tamanho A4, na orientação *paisagem*.



MINISTÉRIO DA CULTURA  
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Ministério da  
Cultura



Boletim Informativo do PLANOR. Fundação Biblioteca Nacional.  
Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n.1, 1994. (1994-).

Semestral.  
Irregular 1994-2007 1(1); 2(2-3); 3(4-5); 4(6); 5(8); 6(9); 7 (10);  
8(11); 9(12); online 10(13); 10(14); 11(15).

ISSN 1413-4802

1. Informativo Especializado 2. Acervo Raro e de Memória –  
Boletim I. Boletim Informativo do Planor II. Fundação Biblioteca  
Nacional (Brasil). Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras.

PLANO NACIONAL DE OBRAS RARAS: Rosângela Rocha Von Helde (chefe do Planor),  
Andréa de Souza Pinheiro (Bibliotecária), Rose Mary Guerra Amorim (Bibliotecária),  
Bruna Rosa do Nascimento de Barros (Assistente operacional)

EXPEDIENTE: • *Comissão editorial* – Andréa de Souza Pinheiro, Rosângela Rocha  
Von Helde • *Coordenação editorial* – Raquel Fabio, Valéria Pinto • *Redação e pesquisa  
de conteúdo* – Andréa de Souza Pinheiro, Rosângela Rocha Von Helde, Rose Mary  
Guerra Amorim • *Pesquisa iconográfica* – Andréa de Souza Pinheiro • *Preparação  
de originais* – Danielle Fróes, Valéria Pinto • *Revisão* – Rosanne Pousada • *Projeto  
gráfico e diagramação* – Danielle Fróes

Fundação Biblioteca Nacional: Av. Rio Branco, 219, Rio de Janeiro, RJ, 20040-008

Planor: 2º andar, planor@bn.br • Coordenadoria de Editoração: 5º andar,  
editoração@bn.br